

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO  
ESTRANGEIRO

## ASSIGNATURA

Preço de parte  
 Annuo ou 24 numeros ..... 2\$600 | Trimestre ou 8 numeros .... \$650  
 Semestre ou 12 numeros ..... 1\$500 | N.º avulso ou pago á entrega ..... \$120  
 ESTRANGEIRO UNIÃO GERAL DOS CORREIOS  
 Annuo ou 24 numeros ..... 3\$600 | Semestre ou 12 numeros ..... 1\$500

3.º ANNO—VOLUME III—N.º 52

15 DE FEVEREIRO 1880

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO  
LISBOA—43, RUA DO LORETO, 43—LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu  
 importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da  
 empresa.  
 E correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro sr. Serafim J. Alves.

## SUMMARIO

**TEXTO.**—Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO  
 —Lakme, CHRISTOVAM AVRES —Jazigo Real em S. Vi-  
 cente de Fora, I. B. — Manuel Maria Boddallo Pi-  
 nheiro, R. — Dr. João Maria Baptista Calisto, A. Pi-  
 lippe Simões — As nossas gravuras — Architectos da  
 Batalha e dos Jeronymos, ABEL ACACIO — A luctuosa,  
 ALBERTO BRAGA.

**GRAVURAS.** — Bellas-Artes, Jazigo real em S. Vicente  
 de Fora, quadro do sr. A. Kell — Manuel Maria Bor-  
 dallo Pinheiro — Dr. João Maria Baptista Calisto —

Bellas-Artes, O casquilho, quadro de M. M. Boddallo  
 Pinheiro, pertencente a S. M. El-Rei D. Fernando —  
 Marinha do guerra portugueza, as canhoneiras Man-  
 dovi e Bengo — Brazil, Sé archiepiscopal e escola de  
 medicina na Bahia — Espada de honra presentada  
 por S. M. D. Affonso XII ao general portuguez Car-  
 los Maria de Caulla — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

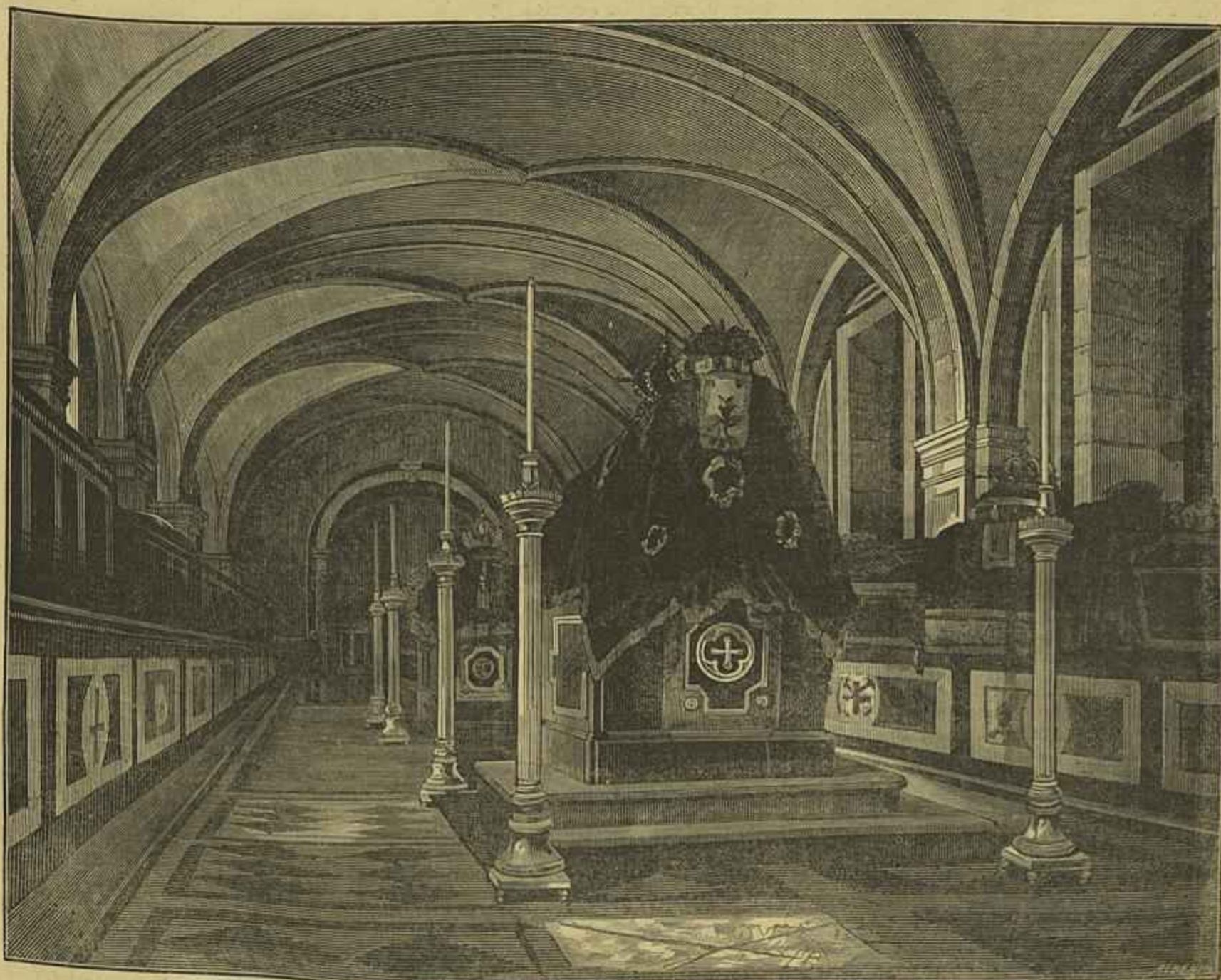
A policia por meio de editaes pregados nas  
esquinas e firmados pela auctoridade compe-

tente, havia prohibido que o delirio se mani-  
 festasse na cidade nos tres dias do carnaval  
 e o delirio soube respeitar a letra dos regula-  
 mentos não se manifestando nem por pos, nem  
 por palavras, nem por ovos.

Babylonia á beira mar plantada, só ha tres  
 dias no anno em que Lisboa deixa de ser li-  
 vre; é nos tres dias de entrudo.

N'esses dias, mal a aurora com os seus dedos  
 cor de rosa descorra as cortinas do oriente, como  
 se diz ainda em novellas editadas na provin-  
 cia, o Chiado é occupado militarmente, e o

## BELLAS-ARTES



JAZIGO REAL EM S. VICENTE DE FORA — Quadro do sr. A. Kell enviado á exposição portugueza no Rio de Janeiro em 1879 (segundo uma photographia)



primeiro raio de sol em vez de beijar a trança loira de Julieta cosendo á machina, beija por via de regra o capacete metalico dos *centuriões* da policia, cognome que diversas folhas opposicionistas já tem dado á guarda municipal.

A sensaboria popular, em face d'estas disposições bellicas, encontra um pretexto plausivel para dar um giro, sob a salva guarda da policia, tal qual o destino quiz que ella fosse, e é então que o observador tem occasião de a estudar á porta da casa Havaneza, em flagrante delicto de chapéo de tres bicos, rabicho e calção, passando impavida, confiada em que a força publica a saberá preservar da gebada particular.

Profundos dias de tristeza, estes! De ordinario nós temos um ou outro passatempo aprazivel nos dias ordinarios. Pela semana adiante vamos ao parlamento e divertimos-nos a ver legislar. Os theatros, uma vez por outra, nos tempos ordinarios, dão uma ou outra novidade dramatica ou comica que nos compunge quando por ventura quer ser alegre, e que nos alegra quando por acaso deseja ser triste. Passam os gatos pingados, esses prodigiosos funambulos ao serviço da morte, e as typotas ministeriaes, esses desengonçados vehiculos ao serviço da carta; passa, enfim, uma multidão de coisas carnavalescas e comicas, sem fallar já no bando dos touros, nem no de S. Jorge, nem no dos partidos militantes que de quando em quando vem annunciar á cidade a queda do ministerio.

Quando chega o entrudo, então, não passa nada! Passam apenas, chapinhando na lama das ruas, alguns tristes vegetes dos chafarizes e algumas melancolicas pastoras da guarnição; figuras desoladas que nos evocam a recordação d'aquelles bons tempos de expansões fraternas, quando, segundo as chronicas, os nossos avós cheios de jubilo, partiam mutuamente a cabeça alheia com a loija propria.

Nunca Lisboa é tão triste como nos dias em que tem obrigação de se divertir. Nunca é tão alegre como nos dias em que tem obrigação de ser triste!

Haja vista a differença que vae das funebres noites do carnaval para as ruidosas noites da semana santa!

— Este anno só houve, segundo as participações da policia meteorologica, noticia de um ente que francamente se divertisse, n'uma alegria *communicativa* e salutar. Foi o Ente Supremo que, em contravenção dos decretos policiaes, zombando dos vinte cartuxos preventivos, *communicou* a chuva a todas as figuras carnavalescas que divagavam pelas ruas, como reconhecendo em sua alta sabedoria que, embora faltasse espirito aos seus filhos mascarados, ainda havia para elles uma necessidade mais impreterivel; — era a da agua.

E a boa chuva do Senhor caiu em abundancia sobre a fronte dos mortaes que assim ficaram remidos, senão da macula original, pelos menos de algumas nodos adquiridas depois da hora do peccado.

Elles verdadeiramente não tinham comido a maçã, mas em compensação, pela maior parte não tinham ainda lavado a cara!

— Depois da tristeza das ruas, contida nos passeios lateraes pela cavallaria municipal, não foi menos digna de nota a contida nos bailes de mascarar pelos dominós.

D'estes bailes o mais concorrido foi o de D. Maria II, e o mais expansivo o de S. Carlos. N'este principalmente manifestou-se uma certa tendencia para resuscitar o jubilo dos dias ordinarios. Varios *pierrrots* encheram-se de resolução e derramaram aguas cheirosas sobre altos personagens, intrigando da melhor forma que lhes foi possivel os poderes publicos presentes na bacchanal. Tratando-se d'um baile de mascarar em Lisboa já é muito fazer isto que regularmente se pratica ahí todos os dias nos tempos ordinarios.

Na quaresma, por exemplo, ninguem estranha que qualquer *seringue* os *altos personagens* ou *intrigue* os poderes constituídos. O que é

heroismo é fazer isto pelo carnaval, praticando em S. Carlos o que fóra d'este tempo só é dado fazer no artigo de fundo.

Com a simples differença de nem sempre ser das mais aromaticas a agua que d'aqui se arremessa sobre os altos personagens, nem das mais inoffensivas as intrigas em que se envolvem os poderes constituídos.

Mas, á parte dois ou tres *pierrrots* denodados, que tristezas e que profundas desolações se não patenteavam debaixo d'aquelles dominós que, horas e horas, faziam o giro das salas, intercalando apenas um ou outro guincho convencional na monotonia do seu delirio!...

Os mascarados por fim não eram elles, eram os que andavam sem mascara. Chegava-se um dominó ao pé d'uma pessoa que permanecia de cara descoberta e guinchava-lhe ao ouvido o tradicional, — bem te conheço, tu és fulano!

— Então tem a bondade de tirar a mascara para ver se eu te conheço tambem a ti.

O dominó condescendia, levava-nos para um canto, tirava a mascara e a gente era obrigado a dizer-lhe, cheio de confusão:

— Pois é verdade, não te conheço! Olha, menino, já que tiraste a mascara tem a bondade de tirar tambem a cara!...

Em resumo, os mais intrigados n'estes bailes de mascarar são de ordinario os mascarados. Em quanto conservam o *mysterio* ainda ha um ou outro espectador que os conhece, quando se desmascaram, ninguem sabe quem elles são, tal é a sua notoriedade na capital!

— D'entre os espectaculos mais salientes e mais caracteristicos que a alguns observadores e philosophos obscuros foi dado gozar no carnaval que acaba de soltar o ultimo guincho de despedida, deve mencionar-se o baile da rainha D. Filippa I, soberana do Congo, que em virtude d'um aperfeiçoamento introduzido na carta que rege aquelle paiz, não só não governa mas tambem lá não reina o que lhe dá a extrema vantagem de poder aqui dançar. D. Filippa é a sucessora da celebre rainha D. Jacinta. No Congo o rei salica impera exclusivamente. Os descendentes varões nunca cingem a corôa, o mais que cingem ás vezes é o turbante no estado de S. Jorge.

E' ainda nova a rainha D. Filippa. Na terça feira do carnaval presidia ao seu baile vestida de bareje cor de rosa, com a carapinha aureolada por um diadema de pechibeque. Duas damas de honra, tão modestas como pretas, trajando mandriões brancos, assistiam-lhe na solemnidade. A côrte ladeava o throno.

Quando chegou o momento das danças prescriptas pela etiqueta, a rainha desceu do solio, encetando uma *samba* com o seu ministro da fazenda, funcionario que a avaliar pela cor deveria ter uma consciencia extremamente assombreada pelo remorso, no caso do remorso ser necessario para alguma coisa nos altos funcionarios do Congo. A *samba* é uma dança caracteristica das sanzalas. Nada mais monotono e de uma molopêa mais estranha e ao mesmo tempo mais desoladora. Depois a profunda convicção e a tragica seriedade que D. Filippa patenteava n'aquelles movimentos cheios de grotesca seriedade!... Dir-se-ia uma *rainha no exilio*!

E depois que differença haverá entre a soberania ideal da rainha D. Filippa e a de tantas outras testas coroadas que hoje se inclinam nas contradanças marcadas longe da patria? A haver differença não é de soberania, é simplesmente de aspecto!

O culto da tradição conservam-n'o da mesma forma. Assim como ha reis de direito divino, que não abjuram da sua bandeira, da mesma forma ha rainhas que não abjuram da sua cor.

As rainhas do Congo, por entre todas as vicissitudes, teem-se conservado sempre... pretas.

De resto, os titulos honorificos que os governos de facto distribuem, comecam já a ter tanta imputação como os distribuidos pelos soberanos honorarios, quer elles se enfeitem com a flor de liz, quer com uma argola nos beiços.

— O tempo da penitencia chegou. A christandade, pelo menos a christandade portugueza, vae jejuar quarenta dias a projectos de lei e theatro lyrico. Depois o tempo da opera passará e o que era um projecto passará a ser um facto.

Entretanto para que a monotonia das operas de Verdi e das harmonias parlamentares nos não cance de todo, o Gymnasio proporciona o *Bebé* ás almas bem formadas, o *Bebé*, uma das comedias mais funambulescas e ao mesmo tempo mais homericas de que ha noticia nos annaes da moderna *pochade* parisiense!

No *Bebé*, ha um advogado e professor celebre que inventou um processo engenhosissimo para fixar os artigos do codigo na memoria dos seus discipulos. Mette-os em musica e canta-os ao piano. Antonio Pedro é quem representa este advogado impagavel, este legista lyrico, typo delicioso que vem abrir novos horizontes á cançada jurisprudencia, proporcionando novos elementos comicos e dramaticos aos compositores sequiosos de librettos.

E' chegada a occasião de cada paiz pôr a sua carta constitucional em musica, a fim de a fazer assobiar pelos povos.

— O periodo mais animado das sessões parlamentares vae provavelmente comecar agora. Nos quarenta dias que atravessamos assistiremos a muitas procições solennes, umas em honra das imagens que se veneram nos santuarios, outras em honra das que se veneram na rhetorica. Depois chegará o dia do julgamento e todos nós então ouviremos uma voz que nos bradará: — lembra-te de que és contribuinte!

— Enquanto esse dia não chega, o leitor a quem não faltará tempo para meditar nos livros santos — e pagar as decimas, pôde entreter-se um pouco a ler os profanos. Aqui tenho eu n'este momento em frente de mim os *Cantos modernos* do sr. Barros de Seixas, e as *Indianas e Portuguezas* de Christovam Ayres. São livros que não rimem positivamente das penas eternas, mas que salvam dos aborrecimentos passageiros.

Os *Cantos modernos*, é um livro inspirado, como se costuma dizer ainda para ahí — nos *novos idears*, mas como isto d'um livro ser inspirado nos *novos idears* não é bastante para que o livro seja novo, devo observar que os *Cantos modernos* teem vida, mocidade e frescura, tudo enfim que constitue o jacobinismo do Abril.

Assim podem as almas candidas desculpar que o livro seja um nadinha revolucionario. Os volões cobertos de flores são de ordinario apraziveis.

Nas *Indianas e Portuguezas* ha menos *revolução* e mais paixão. Sobretudo na primeira parte do livro revelam-se potentes inspirações que não se parecem com os brandos canticos segredados pelo veio crystalino dos nossos regatos. E' necessaria a intervenção d'uma natureza mais uberrima e mais estranha para na alma do poeta se condensarem aquellas melodias originaes. São umas *Indianas* inspiradas pela propria India em vez de o serem por uma Asia de cartonagem em frente da qual muitos bardos teem até hoje cantado a magestade do Gauges, e suspirado pelas *bailadeiras* sacerdotizas do Vischnú.

Ser um verdadeiro poeta, filho da verdadeira India, representa uma gloria que se pôde, como n'este livro, traduzir n'uma poderosa inspiração.

GUILHERME D'AZEVEDO.

## LAKMÉ

1

Começava a manhã: da lua o curvo disco perdera a pouca e pouca as suas firmas bellas; qual pastor que resolve as rezes no aprisco o sol ia colhendo as ultimas estrellas.

Inimigo da Treva, ás virides alfombras dava as scintillações das prismas deslumbrantes.



e sagitario ousado, afugentava as sombras com zagaia de luz: — os raios penetrantes.

Ao seu clarão intenso a Terra, qual thesoiro que a Noite arrotára, erguia-se entre aromas, o seu fulgente olhar dava reflexos d'ouro dos vastos arrozaes ás fluctuantes comas.

Aos seus beijos de fogo a casta Natureza estremecia, abrindo os cálices ás rosas, e era a flôr do aloés como grinalda preza da noiva seductora ás tranças voluptuosas.

Nas ramos do palmar os passaros cantavam, sorriam no horisont: umas paisagens frescas; mensageiras do amor, as brizas transportavam o pollen fecundante ás selvas gigantes.

As aves iam no ar como brilhantes ondas, e a creadora luz que os spondiaes inflora, feria obliquamente as cúpulas redondas d'um palacio onde brilha o perphido d'Elóra.

## II

A arte que levantára os templos de Madrasta, Maha-Bali-Puran, Sesseran, Trichengura, o minarete esguio, e a nave longa e vasta do templo de Mujid, gloria da architectura,

tinha tambem erguido os basteões altivos d'aquella habitação antiga e magestosa, onde os ricos metaes têm reflexos vivos, e onde abunda o onyx e o mármore de rosa.

É um monstro de pedra, hirto, saxeo gigante! As torriolas orguendo as cristas ponteagudas parecem, a distancia, aos olhos do viandante as lanças verticaes de sentinellas mudas.

Ao fundo o palmeiral, n'um preguiçoso gesto, debraca sobre o tecto os ramos chocalheiros, e vê-se o labutar infatigavel, lesto dos esquilos trepando nos mastros dos coqueiros.

Lá dentro é um primor! As mûrmuras cascatas despeham-se, espumando, em tanques d'alabaastro; as aves vão soltando aslympidas volatas e as pedrarias tem scintillações d'um astro.

Nos altos pedestaes, em êbano esculpidos, sorriem na penumbra estatuas magestosas, mostrando o pulso audaz dos heroes aguerridos, e das deusas do amor as formas voluptuosas.

Em vasos do Japão de fina porcellana saturam de veneno e aromas a atmosphera, os doirados botões redondos da marana, flôres de Cachemira, e rosas de Cythera.

Agitam docemente as africanas servas os plumosos *parrots*, enormes borboletas; e arde o ambar suave e aromaticas ervas na branda chamma azul das aureas caçoletas.

## III

Ha no centro da mole um pateo illuminado onde o sacro tútós abre a vistosa coma, templo d'alvos festões e perolas coroadas, urna d'onde se exhala o mais distincto aroma.

Lakmé, mal despontou nas orlas do Levante, o amplo sol inundando as varzeas e as florestas, desceu a tributar a prece supplicante ao Deus que inflora o riso, e que illumina as festas.

Inda no fresco orvalho os siphos dondejavam, tremiam nos rosas as gotas crystalinas, e no calix azul dos lagos palpitavam os harmoniosos sons d'orchestras matutinas.

Como as fontes vão tar, e os rios ao Atlantico, e á corulea amplidão dos transparentes ceus perfumes do cajucio e os vagos sons d'um canticto, assim Lakmé mandava o pensamento a Deus.

## IV

Seus olhos d'azevêche, horisontes brilhantes nos quaes a luz se espalha em tentadora onda,

trazem-nos á lembrança os prismas deslumbrantes com que a Aurora illumina os lagos de Golconda.

O pequenino renque airoso dos seus dentes, entre o brando carmin da bocca feiticeira lembra um fino collar de perolas nitentes sobre o calix da flôr vermelha da romieira.

O rosado chinês das suas unhas finas, seu arqueado pé, tenro como um renovo, e as mãos que nem Sitá as tem tão pequeninas, eram o grande pasmo, a admiração do povo.

Um *nét* circular pende-lhe da narina, cinge-lhe o airoso busto um *chol* de nivea seda, e do seu fragil corpo a linha que fascina n'um amplo panno verde envolve-se e se enreda.

Ouve-se o retinir dos seus anneis de prata quando ella poisa o pé na flacida alcantifa, que ao suave contacto em flôres se desata, e onde a mosqueada pelle imbebe a unha grifa.

Tem na voz harmoniosa as notas d'uma lyra; e aos que a vissem decerto era dado *suppôr*, que todo esse conjuncto esplendido saira das mãos do Visuaezma, o angelico escultor.

Camistovão Ayres.

(Das *Indianas e Portuguezas*)

## MANUEL MARIA BORDALLO PINHEIRO

Nas paginas do OCCIDENTE figura hoje uma insinuante e accentuada phisionomia de artista, o retrato d'um trabalhador dedicado a quem a arte contemporanea deve os mais assinalados esforços no nosso paiz.

Manuel Maria Bordallo Pinheiro, fallecido no dia 30 de janeiro ultimo, foi uma d'estas organizações excepcionaes, um d'estes caracteres de rija tempera que se fortificam na lucta, e que mais alento recobram na proporção das contrariedades que soffrem.

Começando o seu tirocinio artistico ha cerca de quarenta annos, n'um periodo em que um entorpecimento geral dos espiritos banira tudo quanto se relacionava com a arte; extincta a tradição, anniquilado o gosto publico, o artista teve de se revestir da fé d'um apostolo, e da coragem de luctador para não succumbir no começo da carreira.

Ao seu esforço deve-se, por assim dizer, o renascimento da arte da gravura, que se achava inteiramente esquecida e desprezada. Varias obras poeticas e jornaes litterarios appareceram illustrados sob a sua direcção intelligente, taes como os poemas, *Miragaya e Ray o Escudeiro*, o semanario a *Epoca*, e o primeiro *Jornal das Bellas Artes*.

Do distincto artista disse ha poucos dias um biographo:

«Ha quarenta annos, quando Manuel Maria Bordallo Pinheiro fez a sua entrada no mundo artistico portuguez, esse mundo artistico compunha-se unicamente dos elementos seguintes, — uma sombra sentada sobre uma ruina.

O fio da tradição tinha-se partido, a memoria dos grandes nomes estava perdida. Era preciso refazer tudo. Para vencer, era necessario em primeiro logar, a tempera dos valentes e a creença dos predestinados.

Bordallo Pinheiro iniciou a gravura em madeira, e o *Panorama* safu do cahos. Principia então a laboriosa vida do artista, manifesta-se a fecunda iniciativa que depois, secundada por outros esforços, consegue tornar a sombra n'uma estatua e a ruina n'um templo.

Como trabalhador que havia encontrado os materiaes da sua obra dispersos nas ruinas do passado, Manuel Maria Bordallo Pinheiro professava o culto sereno do antigo, mas os esplendores do seu tempo seduziam-n'o; enamorava-se dos prodigios do espirito novo, de forma que, em virtude de uma bondade ingenita da sua alma, o seu modo de ser artistico vacil-

lava sempre entre dois polos, sem poder fixar-se nem tomar um rumo determinado. E' este o caracter essencial da sua obra.»

E' extraordinaria a somma de trabalho levada a cabo pelo denodado artista durante o periodo da sua laboriosa existencia!

Além dos desenhos e illustrações dispersos por varias obras, em esculptura podem assinalar-se os seguintes trabalhos:

Estatueta do visconde de Castilho. — Busto de Camões, existente hoje na gruta de Macau. — Projecto d'um monumento a D. Pedro IV, apresentado á associação dos architectos. — Projecto d'um monumento ao duque da Terceira. — Busto do fallecido patriarcha D. Guilherme. — Estatueta do primeiro duque de Palmella.

Os seus quadros são innumerados e muitos d'elles foram premiados em varias exposições. Na galeria particular de sua magestade el-rei D. Fernando, que muito apreciava os trabalhos do artista, acham-se cinco das suas telas. As restantes ou foram para o estrangeiro ou estão na posse de varios amadores do paiz.

Como se vê, nenhum dos ramos das bellas artes lhe foi estranho, todavia, no seu ultimo periodo, dedicára-se de preferencia á pintura do genero flamengo em que conseguira produções d'uma nitidez extrema, tocadas com uma grande delicadeza, e impregnadas de um cunho antigo perfeitamente caracterizado. Por indole e por educação era um idealista a quem repugnavam um pouco os processos por vezes mechanicos do nosso tempo, entretanto não tinha o fanatismo de escola nem sabia contestar o valor dos trabalhos modernos verdadeiramente notaveis. Ao contrario, quando elles eram bons sabia sómente admirar-os.

Nos ultimos tempos, gracejando nas suas interessantes conversações artisticas, fallava em converter-se aos principios *realistas*. Queixava-se entretanto de se achar já velho para effectuar esta evolução perigosa, todavia principiava e deixava quasi concluido um pequenino quadro, tocado um pouco á maneira *realista*, d'uma execução admiravel. Era um cidadão do directorio, gravemente sentido, trajando ao rigor da época. N'aquellas proporções a arte portugueza do nosso tempo poucas cousas tem produzido mais delicadas e mais perfectas no detalhe.

Além da arte, Manuel Maria Bordallo Pinheiro dava um culto fervoroso á familia. Educados sob as suas vistas, — e isto prova a largueza do seu animo, — formaram-se sem contrariedade os dois artistas de mais original vocação que por ventura hoje conta a arte portugueza, Raphael Bordallo Pinheiro, o creador da caricatura em Portugal, o phantasista inimitavel que não conta mesmo muitos competidores nos outros paizes, e Columbano Bordallo Pinheiro, moço pintor d'um grande futuro, e a quem de certo está reservado um logar preeminente na moderna pleiade artistica.

Manuel Maria Bordallo Pinheiro falleceu quando contava sessenta e quatro annos. Fôra official da secretaria da camara dos pares, e no exercicio d'estas funcções soube captar tanto a sympathia dos seus chefes como o respeito dos seus subordinados.

Como ultimo traço, não devemos esquecer que á maneira d'uma gloriosa iniciação do homem e do artista, Manuel Maria Bordallo Pinheiro fôra em 1833 voluntario ao serviço da causa liberal. Esta pagina da sua vida comprazia-se elle em rememoral-a com certo orgulho.

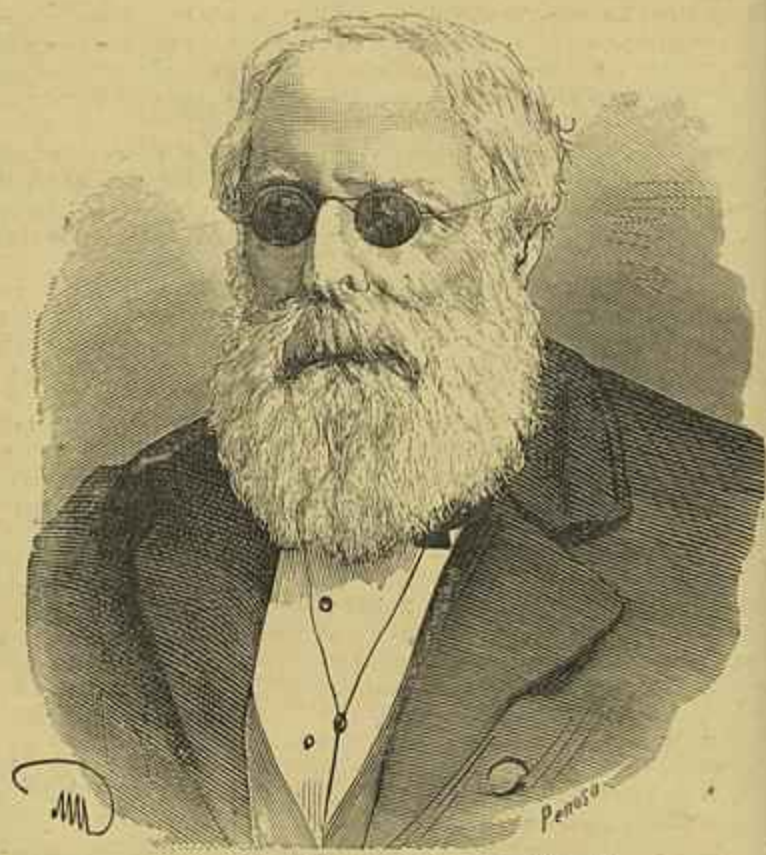
Além das medalhas que recebeu em varias exposições, o governo hespanhol, por occasião da exposição internacional em Madrid, concedeu-lhe com a ordem de Carlos III, em recompensa dos bellos trabalhos expostos.

O seu retrato ahi fica, acompanhado dos traços mais salientes da sua biographia. O OCCIDENTE, guardando nas suas paginas esta phisionomia insinuante e original presta culto á arte, e dá testemunho de consideração ao artista que por vezes illustrou as suas paginas.





MANUEL MARIA BORDALLO PINHEIRO — Fallecido em 31 de Janeiro de 1880



DR. JOÃO MARIA BAPTISTA CALISTO  
Lente jubilado da Universidade de Coimbra, fallecido em 31 de Dezembro de 1879  
(Segundo uma photographia do sr. Albuquerque)

### BELLAS-ARTES

#### DR. JOÃO M. B. CALISTO

O dr. João Maria Baptista Calisto, lente cathedratico jubilado da faculdade de medicina da Universidade de Coimbra, nasceu em 1803 na villa de Constança.

Matriculou-se em 1822 nas faculdades de mathematica e de philosophia, e na de medicina em 1825.

Allistou-se em 1826 no batalhão academico. Malgrada porém a revolução liberal, teve de interromper os estudos e de homiziar-se para escapar a perseguição do governo absoluto. Em 1832 allistou-se de novo no Porto no batalhão academico, tomando parte na heroica defesa d'aquella cidade.

Depois da restauração do governo liberal continuou o dr. Calisto os estudos na faculdade de medicina, tornou o gran de doutor em 1837. Obteve o primeiro despacho no anno seguinte de 1838. Regeu por muitos annos a cadeira de theologia, e jubilou-se no logar de decano e director da faculdade de medicina em 25 de maio de 1870.

Falleceu em 31 de dezembro de 1879.

A. FILIPE SIMÕES.

#### AS NOSSAS GRAVURAS

##### CANHONEIRAS MANDUÍ E BENGÓ

A nossa marinha de guerra foi augmentada com mais duas canhoneiras a *Manduí* e a *Bengó*, que hoje damos em uma das nossas gravuras.

São dois navios de pequena lotação, elegantes, bem postos n'agua, que apparellham a escuna, e que foram construidos em condições in-



O CASQUILHO — Quadro de M. M. Bordallo Pinheiro, pertencente a Sua Magestade El-Rei D. Fernando  
(Desenho inédito do mesmo auctor)

teiramente eguaes nos estaleiros de Laird Brothers, em Birkenhead.

Medem estas canhoneiras 125 pés de comprimento, 24 de bocca, 12 e 2 polegadas de pontal e 9 de calado medio d'agua. O deslocamento é de 425 toneladas.

São construidas de ferro e forradas exteriormente de toca e de zinco, tendo compartimentos estancos. As machinas são do systema composto, ou de alta e baixa pressão, e da força indicada de 420 cavallos. As caldeiras são cylindricas e tubulares, e trabalham em 60 libras de pressão de vapor por polegada quadrada. Foram experimentadas a frio com a pressão hydraulica de 120 libras por polegada quadrada. O helice é do systema Bevis aperfeicoando.

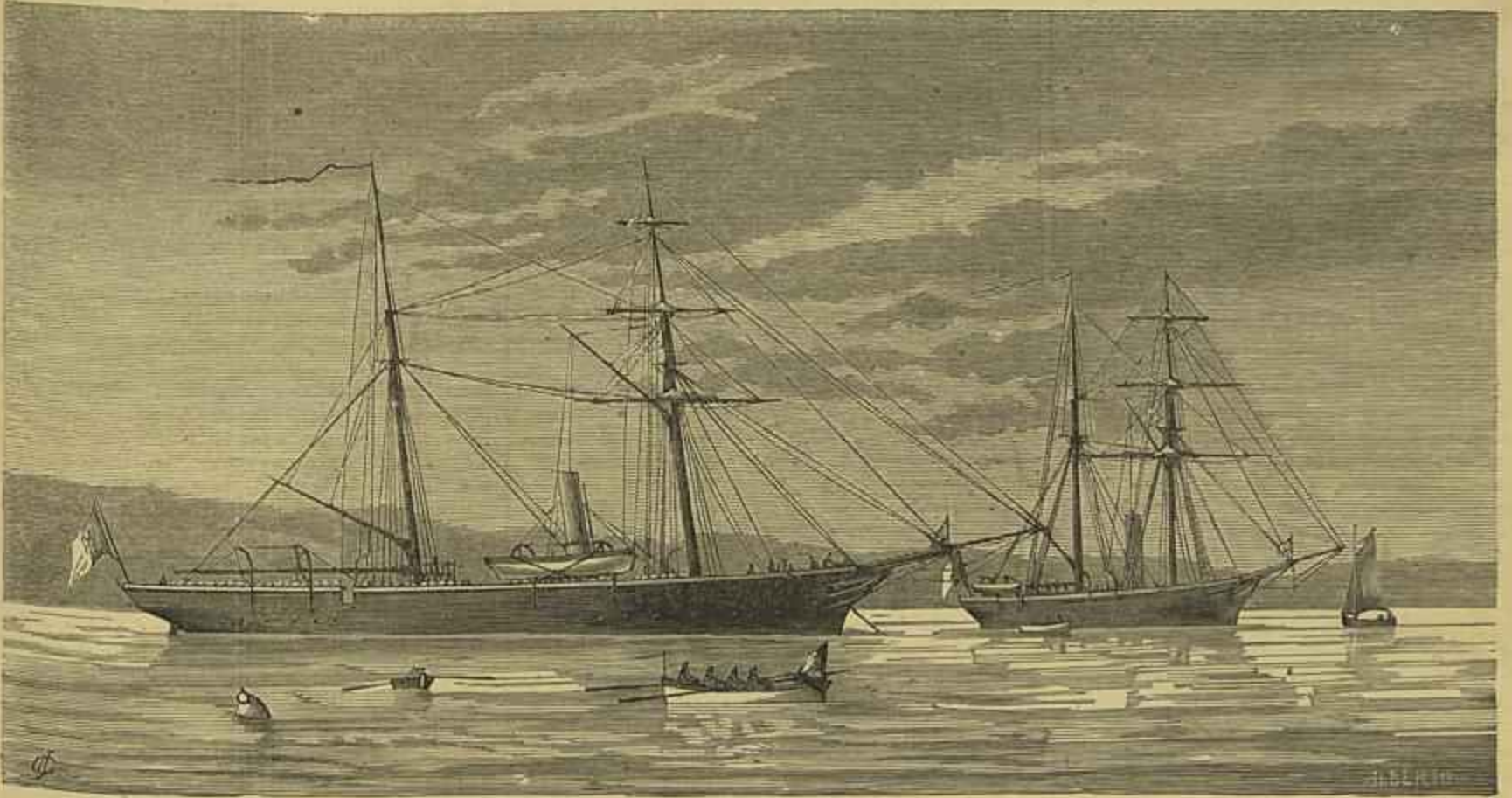
O armamento compõe-se de uma peça Armstrong de 6 polegadas, de carregar pela culatra, montada em reparo de rodizio, a meio navio, e duas peças de 20 de carregar pela boca á amurada.

A peça de 6 polegadas é importante pelas suas condições ballisticas, alcance e força de penetração do projectil. Tem esta peça o comprimento total de 42 pés, 28 estrias, e 28 libras de preponderancia. Dos projecteis que pode lançar o mais pesado é a bomba oblonga, que pesa 83 libras e 10 onças. As cargas de polvora variam entre 33 e 25 libras.

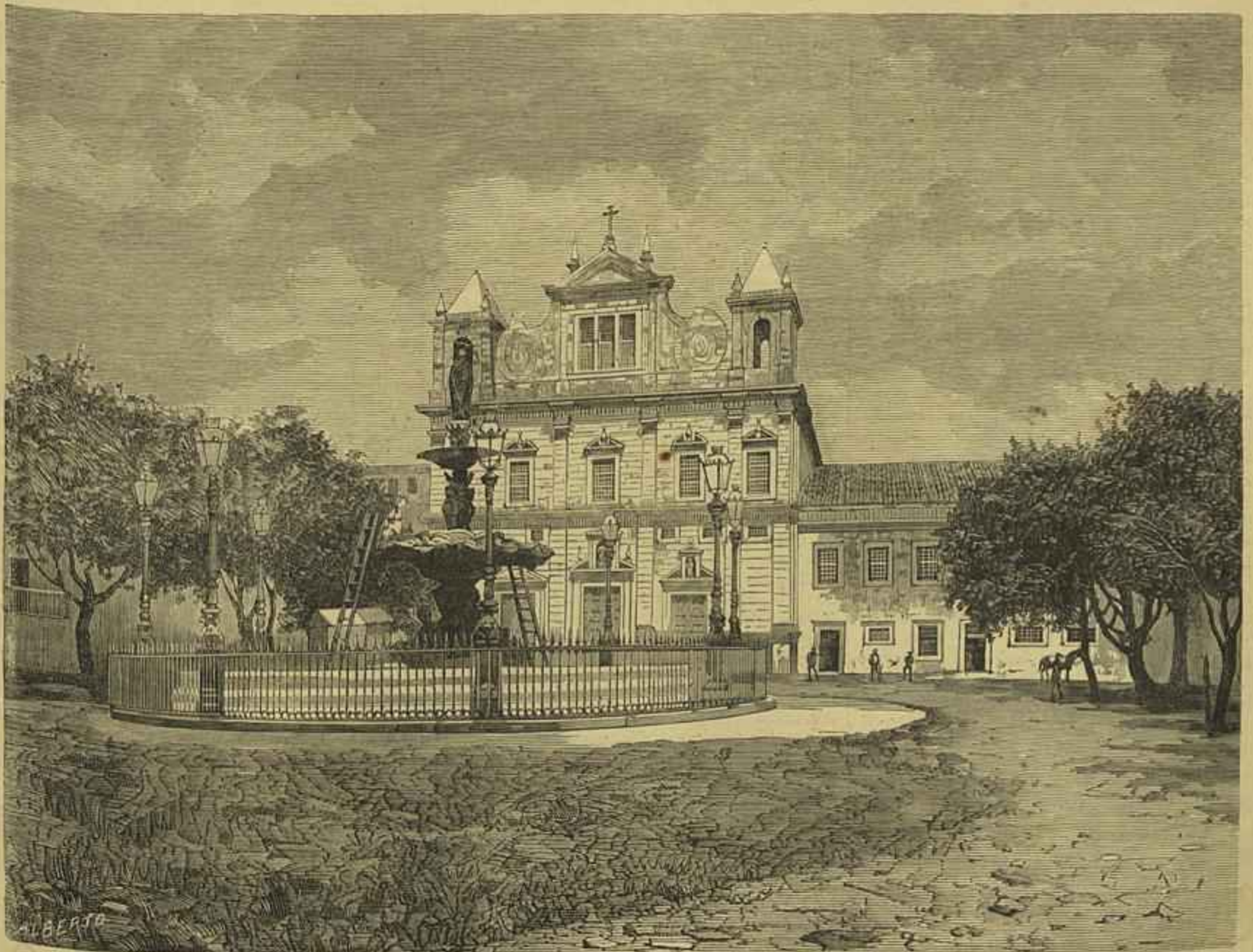
A *Manduí* e a *Bengó* foram lançadas ao mar em agosto ultimo no Mersey, ficando promptas a navegar em novembro seguinte.

Nas experiencias alcançaram a velocidade media de 10,5 milhas por hora. Na viagem de Inglaterra para Lisboa deitaram a media de 9 e 9,5 milhas em boas condições de tempo e de mar.





MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — AS CANHONEIRAS MANDOVI E BÊNGO (Desenho do natural pelo sr. J. Dantas)



BRAZIL — SÉ ARCHIEPISCOPAL E ESCOLA DE MEDICINA NA BAHIA (Segundo uma photographia)



## O CASQUILHO

## Quadro de Manuel Maria Bordallo Pinheiro

O pequenino quadro que hoje figura nas paginas do OCCIDENTE é obra do artista que hoje mesmo commemoramos, e faz parte da galeria particular de sua magestade el-rei D. Fernando.

Além d'uma excellente execução, e perfeito acabamento, é extremamente bem estudado nos detalhes, mas sobretudo sobrelevam no original as qualidades de colorido.

O desenho sobre que é feita a nossa gravura, é trabalho inédito do auctor, feito expressamente para esta publicação, circumstancia que o torna duplamente apreciavel.

## SÉ ARCHIEPISCOPAL E ESCOLA DE MEDICINA DA BAHIA

Tinham decorrido alguns annos depois que Christovão Jacques descobrira o *reconcevo afamado* da Bahia, já parece que habitado pelo Caramurá, quando em 1563 foi fundado o collegio dos Jesuitas, na, então, florecente capital do Brazil. Pelo tempo adiante foi augmentado o collegio, e era um estabelecimento vasto quando em 1772 foi extincta a Companhia de Jesus em Portugal e seus dominios.

A igreja foi convertida em sé cathedral, e o convento ou collegio, depois de um certo tempo, passou a ser a Escola de Medicina. Os primeiros lineamentos d'esta escola foram lançados pela ordem regia de 18 de fevereiro de 1808, auctorizando o dr. José Corrêa Picanço, cirurgião-mór do reino, a escolher quem podesse ensinar cirurgia no hospital militar, sendo primeiros instituidores os cirurgiões militares José Soares de Castro, e Manuel José Estrella. Ao fim de quasi oito annos foi o curso reformado pela carta regia de 29 de dezembro de 1815, que o elevou a cinco annos.

Em 1817 foi creada uma cadeira de chimica, e nomeado para a reger o dr. Sebastião Navarro d'Andrade, lente em Coimbra. Em 1824 foi creada a cadeira de pharmacia e nomeado para ella o dr. Manuel Joaquim Henriques de Paiva, tambem lente n'aquella Universidade. Em 1825 foi creada a cadeira de pathologia interna.

Em 1832 por uma lei de 3 de outubro foi reformado o ensino das sciencias medicas no Brazil, dando-se o nome de Escolas de Medicina aos respectivos collegios do Rio de Janeiro e Bahia, dividindo o curso escolar em seis annos, compostos de quatorze cadeiras.

Finalmente, o decreto de 28 de abril de 1851, deu novos estatutos ás escolas de medicina, que tomaram o titulo de faculdades. O curso então ficou constituido em seis annos e dezoito cadeiras. Tem hoje além d'isso a escola da Bahia dez gabinetes, que são os de Physica, Chimica mineral e organica, Medicina legal, Anatomia, Physiologia, Pathologia interna, Materia medica e therapeutica, Pharmacia e Chimica. O gabinete de Anatomia, por deliberação da Congregação, chama-se hoje — Gabinete Abbot — em homenagem ao seu fundador o dr. Jonathas Abbot que grandes serviços lhe prestou. Ha tambem hoje um gabinete de Botanica e Zoologia.

Todos estes gabinetes são dirigidos pelos lentes das respectivas cadeiras, e encarregados ao cuidado de cinco conservadores.

A bibliotheca da Faculdade começada em 1832 conta já hoje seis mil volumes.

Ha na Escola o curso de pharmacia, professado em tres annos.

Leccionam hoje n'aquelle estabelecimento notaveis professores que honram o seu paiz, e aquella bellissima cidade, que alguns se comprazem em appellidar a Athenas da America do Sul.

A nossa estampa representa a frontaria da sé, e ao lado, encostado a ella, o edificio da escola. Devemos os breves apontamentos, que aqui deixamos registados, á obsequiosa sollicitude do nosso antigo amigo dr. Daniel da Silva Ribeiro, consul portuguez n'aquella cidade, e quem quizer pôde completal-os com a *Breve noticia sobre a fundação e marcha do ensino medico na Bahia*, publicado pelo sr. dr. Manuel José de Araujo na *Gazeta Medica da Bahia* em novembro de 1878.

J. B.

## ESPADA DE HONRA

Presenteada por Sua Magestade D. Affonso XII ao general portuguez Carlos Maria de Caula

É conhecido de todos o facto recente ainda do consorcio do rei de Hespanha, D. Affonso XII, com a princeza austriaca Maria Christina, hoje rainha de Hespanha.

Entre os diferentes representantes officiaes das diversas nações que foram delegados para assistir áquella acto, coube a acertada escolha do de Portugal, no general de divisão, o sr. Carlos Maria de Caula, seu primeiro ajudante de campo. A intelligencia, a cordura e o caracter grave e austero do illustre general, dão-lhe direito a todas as distincções, e entre as pessoas dignas de representar um paiz, pequeno mas brioso, nenhum mais digno do que o escolhido por el-rei. Filho de outro distincto militar, assentou praça muito novo, tomando parte nas campanhas da liberdade, e dedicando-se depois todos os trabalhos da sua profissão, passa o sr. general Caula por ser um dos officiaes mais instruidos e illustrados do nosso exercito, mas dotado de modestia, nada vulgar. Os dotes do representante d'el-rei não podiam deixar de ser apreciados na córte de Hespanha, em cujo paiz o seu nome é aliás conhecido.

D. Affonso XII, como verdadeiro gentil-homem, tendo recebido gallardamente os representantes estrangeiros, não os quiz deixar partir sem um signal do seu reconhecimento e munificencia, e coube ao sr. general Caula a honra de receber do monarcha hespanhol um brinde digno de ambos. Representa a nossa gravura esse elegante regalo. É uma espada de Toledo. A sua forma é de espada-estoque assás comprida, encimada por uns copos de talhe elegante e lavor delicadamente cinzelado; a sua folha é direita, lavrada tambem n'um certo espaço a partir dos copos. É toda de aço, folha, bainha e copos. A nossa gravura representa a espada embainhada, dando perfeitamente a conhecer o delicado trabalho do cinzel, em estylo neo-arabe de uma perfeição, como são todas as obras das bellas fabricas da antiga capital de Castella.

Pouca gente sabe em Portugal d'esto brinde, porque a modestia do sr. general Caula, quasi que o tornou occulto para a maioria do paiz. Soubemos-o, e fomos felizes por podermos vencer a natural repugnancia de sua ex.<sup>a</sup> para tudo o que seja em seu galardão, e agradecemos aqui pelo publico e por nós a delicadeza de nos permittir tirar copia d'este delicado objecto de arte, para o fazer conhecido, de todos, e deixal-o archivado n'este registo d'arte e dos successos contemporaneos.

## JAZIGO REAL EM S. VICENTE DE FORA

Sobrancelho ao Tejo, na encosta do monte do Castello que olha a oeste, ergue-se com serena mas fria magestade o antigo mosteiro de S. Vicente de Fóra, hoje residencia dos Patriarchas de Lisboa.

É frio o aspecto do mosteiro, e comquanto seja grandioso, não inspira sentimento algum elevado, como aquelles que nos inundam quando contemplamos a Batalha, Santa Maria de Belem, etc. É porque n'estes espraia-se a fé, e as gerações que os ergueram vivem ali com todas as suas crenças, seu valor, e sua grandeza; em S. Vicente porém, documento da invasão, que, sem consciencia, se queria impôr ao povo e desluzbrar o espirito nacional, falta o calor que arranca do coração o genio, e faz sentir o cinzel.

E comtudo S. Vicente era um padrão não menos glorioso que a Batalha. Quando D. Affonso Henriques veio arrebatar, aos já desagregados restos da Hespanha musulmana, esta perola, que depois facilmente seria a *princeza das outras cidades*, Lisboa, assentou os seus arraiaes desde o rio pelo sitio onde hoje é a igreja dos Martyres até á Mouraria, e do outro lado do Castello assentaram os seus os cruzados (que auxiliaram Affonso), cujo centro era o sitio onde hoje se levanta o mosteiro de S. Vicente. É tradicional que estes ali levantaram uma capella em honra dos seus, ao passo que o rei levantára a de Nossa Senhora dos Martyres em honra dos que haviam fallecido no cerco. Rendida Lisboa, ao mesmo tempo se elevaram as duas fabricas, e na de S. Vicente se levantou o mosteiro, que, pela devoção que o rei tinha a S. Theotonio e aos seus conegos de Santa Cruz de Coimbra, á ordem de Santo Agostinho o destinou.

Durou a primeira fabrica até aos fins do seculo XVI, e quando D. Philippe II de Hespanha fez a sua entrada em Portugal, após a invasão que o tornou injusto senhor d'este bello torrão, visitou o mosteiro, e como o visse assás arruinado e ameaçando destruição completa,

quiz deixar um padrão da sua *munificencia* para com este paiz, ordenando fosse reformado e reconstruido totalmente, incumbindo da obra o architecto Philippe Terzo. Tinha este sciencia, mas faltava-lhe gosto e calor. Ainda assim, apezar da frieza, que não pôde deixar de respirar um monumento levantado por Philippe II, tem elle grandeza e certa magestade relativa.

Foi em 1629 que as obras se concluíram, tendo durado mais ou menos activas quarenta e sete annos.

D'então para cá tem passado o mosteiro por varias vicissitudes, tendo já servido de patriarchal.

Em 1833, por occasião da suppressão das ordens religiosas, foi o mosteiro destinado para residencia do Patriarcha, e a igreja considerada interinamente patriarchal, até que esta passou definitivamente para o seu verdadeiro templo, a veneranda Sé de Lisboa.

Não gastaremos espaço em descrever o templo, interior nem exteriormente, basta que digamos que ha em todo elle curiosidades artisticas de subido valor. Estatuas collossaes adornam a frontaria do edificio. No interior marmores magnificos revestem as capellas; e nomeadamente a capella-mór. Ali se encontram obras de Joaquim Machado de Castro e dos seus mais notaveis discipulos Alexandre Gomes, Antonio dos Santos e Manuel Vieira. Á parte do Evangelho na capella-mór, ha uma portinha que dá entrada para a escura e tristonha casa, que serviu outr'ora de jazigo real, e hoje dá ingresso para a residencia patriarchal.

E' por ser hoje em S. Vicente de Fóra o jazigo da familia real portugueza, que esta igreja é mais procurada e visitada pelos estrangeiros.

O jazigo ou carneiro actual abre sobre o claustro e corre por detraz da capella-mór. Não diremos que é uma jazida soberba ou magestosa, não: A abobada é um pouco baixa para poder competir com a magestade das capellas imperfeitas da Batalha, que já deveram estar acabadas para este destino, se ellas não pertencessem a Portugal; ainda assim o aspecto do actual jazigo dos reis é austero, e digno pela sua severa simplicidade. Aproveitando-se uma construção antiga que não fóra para aquelle fim destinada, não se poderá conseguir melhor resultado d'aquelle recinto, do que o obtido por quem dirigiu os trabalhos.

Deve-se esta obra a el-rei o sr. D. Fernando, que, na sua regencia pela menoridade d'el-rei D. Pedro V, dedicou os seus cuidados e zelo ao consequimento de tão respeitavel e veneranda idéa.

A nossa gravura, copia do quadro do sr. Alfredo Keil, que figurou notavelmente na exposição portugueza do Rio de Janeiro do anno passado, deixa bem apreciar o aspecto geral do real jazigo de S. Vicente. Copiado do natural com precisa exactidão e com o cuidado que aquelle sympathico artista emprega em todas as suas produções, é a unica reprodução que existe do jazigo real, sendo todas as photographias, que ha d'este monumento, tiradas d'aquelle quadro.

Ao entrar no jazigo real depara-se-nos logo á direita o sarcophago do príncipe D. Augusto primeiro marido de D. Maria II, em seguida o d'esta senhora, e após este o da mallograda rainha D. Estephania. A' esquerda vê-se o de D. José I, etc., etc. Ao meio da casa, em face de quem entra, é o logar do ultimo soberano reinante, e lá se ergue o tumulo de D. Pedro V; em seguida a este, e n'um local para isso destinado, está o cadaver de D. Pedro IV, e ao fundo, n'um bello tumulo de marmore, está o do chefe da dynastia de Bragança, D. João IV. Dentro d'aquella funebre morada jazem pois quasi todos os principes da casa de Bragança que tem fallecido, depois d'aquelle monarcha.

Acha-se tambem em S. Vicente, mas em outro logar, junto ao altar de S. Theotonio, o tumulo do grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira, um dos progenitores, pela linha feminina, da casa de Bragança, por se haver



arruinado, em 1733 com o terramoto do 1.º de novembro, o bello tumulo de marmore onde jazia no seu convento do Carmo, sendo esta trasladação feita no reinado de D. Maria II.

Tambem em S. Vicente jazem, debaixo do mesmo tecto que abriga o rei-soldado, e aquella cujo nome foi por muitos annos o mote da bandeira liberal, os dois heroes que ergueram sobre os destroços do despotismo, o facho ardente da liberdade; um, paladino arrojado, e cavalheiresco; outro, a intelligencia vasta, braço firme e alma generosa, os dois marechaes duques da Terceira e de Saldanha.

Paz á memoria dos que alli jazem.  
Quem visitar aquelle monumento não dará os seus passos por perdidos.

J. B.

## ARCHITECTOS DA BATALHA E DOS JERONYMOS

É realmente para lastimar a mesquinhez de informações que chegaram aos nossos dias, acerca da personalidade dos artistas que conceberam o plano dos nossos dois mais valiosos monumentos, e dos directores da sua execução. Com respeito á Batalha bastante se sabe, ainda assim; porém do mosteiro manuelino condensadas trevas porfiam em occultar a historia da nascença e crescimento. E é tanto mais para sentir esta e dilatada omissão na chronica do viver das bellas artes em Portugal, quanto corre por certo constituir a maravilhosa fabrica dos Jeronymos o nosso verdadeiro e unico monumento; pois é construcção que rememora, esculpida, a epopeia de nossos feitos maritimos, não a havendo inconscientemente emoldurado nos adornos da architectura em voga no seculo xv, mas tendo-a, sim, vestido muito de proposito, por um genial esforço imaginativo, com os brinçados atavios de uma architectura prodigiosamente fecunda, notavelmente caracteristica, ninamente original.

O estylo da sé velha de Coimbra é *normando*; o da barbacã do castello de S. Jorge *mourisco*; o da basilica de Mafra; participante de todos estes o do convento de Christo em Thomar; o da igreja de Belem é proprio d'ella. Synthetisa uma creação portentosa, cujos traços de potente individualidade podem ser tambem obtidos servados em S. Francisco de Evora, na Pena de Cintra, Conceição Velha e Magdalena de Lisboa, claustro antigo de Thomar, Santa Cruz de Coimbra, e em poucas obras mais.

Pois bem; d'essa grandiosidade harmonica na concepção, d'essa caprichosa elegancia no conjunto, d'essa opulenta profusão nas galas, d'essa constante propriedade nos emblemas — punge-me escrevel-o! — quasi se ignora qual fosse o genio creador. Quem se lembrou de appropriar ao estylo *nacional* os pilares polystilados, enfeixados, em que o enfeixamento é disfarçado pela superabundancia de relevos? Quem de o demastiar com arabescos e bestiões? Quem de fazer predominar n'elle o sarapanel? Quem de bases das columnas cortadas por saliencias angulares? Quem a adopção das fórmas oitavadas? Quem a falta de symetria nas gargulas e capiteis?... Um ridiculo encolher de hombros, ao luso amor proprio imposto pela lusa ignorancia: eis a eloquente resposta a essa serie de interrogações.

A simples inspecção, mesmo externa, dos mosteiros dos Jeronymos ou de Santa Maria da Victoria, faz saltar á vista do observador a falta de unidade na architectura de qualquer d'elles, consequencia de serem os grandes edificios, como as grandes montanhas, obras de muitos seculos. Transforma-se a Arte, succedem-se os architectos e a obra vai-se continuando sem esforço, sem interrupções, sem reluctancias, constituindo como que o residuo das successivas evaporações da sociedade. Assim, os dois monumentos em questão, como todos os monumentos avultados, sendo mais obras sociaes do que obras individuaes, devem,

não a um, mas a varios architectos, as suas bellezas e os seus defeitos.

Emquanto á Batalha, apesar das porfiosas investigações a que com sollicitude se ha procedido, ainda não foi possivel encontrar documento algum de valia, declarando o nome do architecto que delineou a sua fabrica. Todavia, a tradição passada de paes a filhos, e accete por varios escriptores antigos, refere que elle se chamava Alfonso Domingues, que era oriundo de Lisboa e que fôra baptisado na igreja da Magdalena. O que positivamente consta dos documentos officiaes é ter este dirigido as obras durante os primeiros annos da fundação e ser já fallecido em 1402. E não apparece documento algum que diga de outro architecto do edificio, em todo o periodo de 16 annos de andamento dos trabalhos, desde o começo d'estes, em 1386 ou 87, até 1402.

Alguns impugnaram ao insigne portuguez a gloria da invenção do bellissimo e engenhoso desenho, adduzindo para prova da sua refutação, entre outras, o barrete que cobre a cabeça do busto do architecto, existente na casa do capitulo; porque esta moda estrangeira, bem como a dos motes francezes e divisas, introduzida em o nosso reino em consequencia do muito tracto que entretivemos com paizes estranhos, tendo começado com o reinado de D. João I, de certo teve entre nós acceitação no seculo xv, mas posteriormente ao referido anno de 1402. É de alguma ponderação este argumento; porém, se pensarmos que no seculo xiv estava muito atrazada entre nós a architectura, não havendo escola d'onde podesse sair artista tão distincto e tão completo, facilmente d'ahi inferiremos que um portuguez, n'aquella época, era não só incapaz de planear o edificio, como inepto para lhe dirigir as obras; a menos que não tivesse ido estudar a paizes estrangeiros. Ora, em vista dos documentos officiaes, não podemos duvidar que lhe foi commettida a execução e direcção da obra, concluindo que não era impossivel delineal-a a quem com tanto acerto e sciencia a soube dirigir. Talvez pois, Alfonso Domingues, aguilhoado pelo amor da Arte, resolvesse sair da sua patria com o louvavel intento de se instruir e aperfeiçoar no ramo que mais o captivava; e, no regresso, traria de lá o uso do tal barrete, muito antigo no estrangeiro, se bem que ainda por estabelecer no seu paiz natal.

(Continúa.)

ABEL ACACIO.

## A LUTUOSA

(Continuada do numero antecedente)

O cirurgião teve de atravessar pela ponte, que ficava no extremo da aldeia. Ia a passo, apanhando para as orelhas os cabeções do capote, para evitar o frio cortante da madrugada. A egoa parava de repente, voltando o focinho para traz, quando as rajadas da ventania a apauhavam de frente, erriçando-lhe as crinas.

Durante o caminho, o doutor ia recordando com saudade a primeira vez que ali fôra, e encontrára o tenente de volta da Africa.

— Ha-de haver dez annos! — monologava elle com tristeza.

E acudiam-lhe á remeniscencia todas as gratas e alegres impressões d'aquelle encontro.

Era uma tarde calmosa de julho.

Elle acabava de dormir a sesta regalada, e viera, em mangas de camisa, arrastando nos pés os largos chinellos de marroquim escarlate, debruçar-se na varanda do quarto, que era alpendrada com uma verde latada de parreiras. Na ramaria das macieiras e dos carvalhos chilreavam os passarinhos. Para além do muro do pomar estendiam-se verdes milharaes já espidados; e no longe, nas largas eiras, que alvejavam batidas da luz intensa do sol, ouviam-se

as cantigas do S. João entoadas em côro pelos ranchos dos homens e mulheres que andavam nas malhadas batendo d'alto e a compasso nas gavellas doiradas do centeio.

A criada entrou para lhe dizer que o mandavam chamar da casa dos Vinhaes.

— Dos Vinhaes? — perguntou o doutor espantado, retirando d'entre os labios o palito, que por habito conservava ao canto da bocca até sair de casa.

— Sim, meu senhor, dos Vinhaes — confirmou a moça.

— Vê lá bem, rapariga; olha que a casa dos Vinhaes está sem gente.

A criada melhor informada, voltou a dizer:

— É dos Vinhaes, é. Ha de ser uma familia que ali chegou hontem: é um homem aceiado, uma senhora, uma menina e uma preta.

— Então são brasileiros.

— São, meu senhor, são brasileiros — confirmou a criada. — São brasileiros de Cabo Verde.

— De Cabo Verde?! — exclamou o doutor, a rir. — Pois dize-lhe que já lá vou.

E d'ahi a um quarto de hora cavalgou a egoa, e partiu direito aos Vinhaes, rente aos silvados que muravam o caminho, por onde os castanheiros frondosos projectavam sombra.

Assim que se apeou á porta dos Vinhaes — lembrava-se perfeitamente! — veio recebel-o á escada um homem trajado de preto, de apparencia militar, farto bigode grisalho, o rosto queimado e avincado. Subiram para uma saleta d'entrada, onde estava uma senhora vestida de luto, com uma menina de oito annos sentada no regaço.

O cirurgião cumprimentou a senhora, amimou a creança, que o contemplava, a sorrir, com os braços enlaçados ao pescoço da mãe; e, como lhe não indicassem o doente, perguntou:

— Então qual de v. ex.ª é que está mal?

— Sou eu — respondeu do lado o dono da casa, mal sustentando o riso.

O facultativo fitou-o um instante.

— Preciso que o sr. doutor me dê remedio a um grande mal que padeço.

— De que se queixa v. ex.ª — interrogou o doutor.

— De... saudades.

— De?!...

— De saudades que tenho de... ti, meu caro Sebastião — explicou o tenente, abrindo-se na expectativa anhelante d'um abraço.

E, como visse o amigo enleado e irresoluto, continuou:

— Anda, Sebastião, anda, abraça o teu amigo Jeronymo de Barros, assim...

E caíram nos braços um do outro, apertando-se por alguns segundos com vehemente jubilo.

— Ó meu Jeronymo!

— Ó meu caro Sebastião!

Depois do reconhecimento riam e choravam simultaneamente, como duas creanças.

— É tua mulher? — perguntou o doutor, enxugando as ultimas lagrimas.

— Carlota — apresentou o tenente — aqui está o meu amigo Sebastião de Moraes; é aquelle de que eu te fallava sempre, que me ensinava as lições de latim, aquelle terrivel Virgílio, na aula do padre José Rivas. Ó Sebastião, que tempos! que doces recordações, meu velho!

O facultativo olhava attentamente para D. Carlota. Era uma senhora de quarenta e tantos annos, ainda formosa, de olhos pretos, o rosto oval, com uma phisionomia excessivamente bondosa. A menina, que tinha no regaço, participante das qualidades da mãe, revellava nas linhas mimosas das feições o que ella teria sido aos vinte annos.

— Ha vinte e cinco annos, Sebastião, que nos não vemos! — lembrou Jeronymo de Barros. Olha como eu eston velho, meu amigo, repara n'estes cabellos brancos.

— Velho? Velho eu, Jeronymo, velho e acabado? Esta vida dá cabo de uma pessoa?

Quando D. Carlota saiu com a filha da sala,



Jeronymo de Barros contou ao amigo o fim com que viera ao continente.

Esperava encontrar algum rendimento na casa do morgado, que tinha morrido havia seis mezes.

— Veiu encontrar a casa inchada de dividas — expunha elle pezaroso — tudo abandonado e hypothecado nas mãos avaras dos credores.

Era esta a sua situação.

Depois, foi vivendo do soldo menos que modestamente. De anno para anno, ia contraindo novas dividas, cada vez mais onerosas, com que saldava emprestimos contrahidos no passado.

Durante dez annos, achacado de rheumatismo e velho, evitado de parentes ricos, perseguido de credores, sem ninguem que lhe vallesse nas horas criticas de mais necessidade, foi assim arrastando uma vida cheia de cruéis desenganos e amarguras, até ao dia em que o José Vineta o procurou brutalmente em casa. Nos momentos de maior desespero, olhava com os olhos rasos de lagrimas para a mulher e para a filha, e exclamava soluçante:

— Que desgraça! Para que preñdi ao meu destino aquellas santas creaturas?!...

O dr. Sebastião pensava em tudo isto, com o coração confrangido pela mais acerba dôr.

..

Ao cabo de meia hora, tendo caminhado com perigo e susto por passos pedregosos e escorregadios, chegou o cirurgião a casa do tenente. A porta grande do muro da quinta estava aberta, calçada com uma pedra na soleira. Entrou n'uma rua estreita alastrada de folhas amarellecidas e ensopadas da chuva, com latada suspensa d'esteios de granito, que entestava com a casa.

A Izabel, assim que ouviu o chouto da egua nas lagens da rua, veiu receber o doutor em baixo. Segurou no loro do estribo direito para elle apear; e, tirando a cavalgadura pelas re-deas, puxou-a para a cavallariça, que ficava ao lado.

— Está muito mal! — dizia a pequena a chorar.

— Vamos a ver, vamos a ver — respondeu o doutor.

E subiu vagarosamente pelas escadas de pedra que conduziã ao primeiro andar.

O quarto de dormir do tenente era mal alumiado pela chamma frouxa e mortica de uma lamarina, que bruxuleava, ao fundo, sobre uma commoda. Nos interstícios das portas das janellas mal ajustadas, azulejava a luz da madrugada.

Na meia obscuridade do quarto mal se distinguia os objectos. O doutor entrou em liços de pés, muito de vagar, com os braços estendidos para a frente, ás apalpadellas, como um cego.

Ouvia-se a respiração oppressa e monótona do doente; e, d'espaco a espaco, uma expiração spasmodica, soluçante e tremula de quem está a chorar em segredo.

A cabeceira do enfermo estava D. Carlota e a filha, Leonor andava então pelos dezoitos annos.

D. Carlota foi ao encontro do medico, e disse-lhe baixo, apertando-lhe a mão:

— Obrigada, doutor, obrigada.

— Obrigada porquê, minha senhora? Eu fiz o meu dever de medico e de amigo — respondeu Sebastião de Moraes.

Foi preciso acender um castiçal para observar o doente. A luz caía de chapa sobre o rosto do agonisante. Estava deitado de costas com as faces congestionadas, vultuosas e violaceas; a bocca descerrada; as cordoveias salientes e distendidas; as palpebras inchadas, os olhos fixos e a retina insensível ao clarão vivo da chamma.

O doutor descobriu-lhe o peito e observou-o percucindo-o em varios sentidos, auscultando-o cuidadosamente, no meio sobre o sternum, dos lados sobre os pulmões, em cima sobre os bronchios, nos sovacos, nas espaldas e na garganta.



ESPADA DE HONRA — Presentada por Sua Magestade D. Afonso XII ao general portuguez Carlos Maria de Caulla (Segundo uma photographia do sr. Rochiat)

A respiração do doente produzia um som oppresso, semelhante ao respirar chilreiro de um folle. A dispnêa era de cada vez mais sensível.

O medico cobriu de novo o peito do enfermo, achegando-lhe e submettendo-lhe a roupa do pescoço; depois, voltando-se para D. Carlota, perguntou-lhe como a doença tinha começado.

Explicou a infeliz senhora que, depois de uma prolongada altercação que o marido tivera com o José Vineta, elle entrara em casa muito pallido, queixando-se da pontada, que costumava accometter-lhe o lado direito do peito. Foi crescendo a dôr, de cada vez mais aguda, trespassando-lhe até às costas.

— A final, terminou ella, caiu sem sentidos, e ficou logo assim, sem dar accordo, como está agora.

D. Carlota referia estes minuciosos incidentes, a olhos enxutos, com uma extranha serenidade, que é a contenção heroica do desespero!

A congestão remittiu com a applicação de vesicatorios e revulsivos energicos. Abateram e desangraram as faces.

Na madrugada do dia seguinte, porém, quando o accommetteu de novo a asphixia, pediu Jeronymo de Barros que o levantassem no travesseiro, para se encostar no espaldar estofado do leito.

Animadas com as melhoras do doente, D. Carlota d'um lado e Leonor do outro, passaram-lhe as mãos por debaixo das costas, e foram-o erguendo cuidadosamente, muito devagar e a geito, amparando-o á frente. O doente, á maneira que o iam levantando, impallidecia rapidamente, deixava cair as palpebras, desfigurava-se, perdia os sentidos; e, n'um momento, quando lhe reclinavam a cabeça, que se deixou cair inerte, como uma bala de chumbo, soltou uma expiração mais prolongada, estremeceu n'uma convulsão rapida debaixo da roupa, e ficou.

Quando, passadas duas horas, chegou Sebastião de Moraes, saiu Leonor a esperal-o no corredor, para lhe dizer:

— O pae está agora mais aliviado. Ha mais de uma hora que está a dormir.

Mas o facultativo ao entrar no quarto, e ao attentar na immobildade e pallidez caracteristicas do amigo, de olhos encovados, a bocca entreaberta, dirigiu-se rapidamente para o leito, apalpou-lhe a testa, segurou-lhe o pulso já rigido e algido, procurou-lhe a respiração, e ficou, como estarecido, a olhar para elle, com os olhos marejados de lagrimas.

— Que é? perguntou a filha assustada.

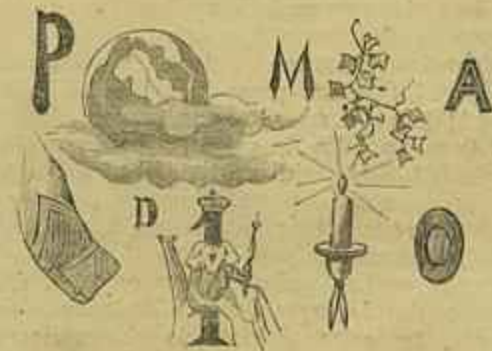
Sebastião de Moraes cingiu ao peito a cabeça de Leonor, e disse-lhe a chorar:

— Morreu!

ALBERTO BRAGA.

(Continúa).

## ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Ovelha que bala bocado perde.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRERES TYP. LISBOA

6. Rua do Thezouro Velho, 6